

As sociedades literárias em Pelotas no século XIX: espaços intelectuais de sociabilidade

Dalila Müller

Doutora em História pela
Universidade do Vale do Rio dos
Sinos

Professora adjunta da
Universidade Federal de Pelotas

dmuller@ufpel.edu.br

Resumo: Este texto aborda os espaços de sociabilidade intelectual fundados em Pelotas no século XIX. Essas associações literárias foram organizadas a partir da década de 1850, período em que a cidade recomeçava seu desenvolvimento, estagnada pelos dez anos de Revolução Farroupilha. É também a partir desta década que outras associações, sejam elas assistenciais, recreativas ou culturais, são organizadas na cidade, demonstrando que a vida social e cultural dos pelotenses estava se intensificando. As sociedades literárias eram espaços para leituras, discussões, palestras, defesas de tese, ou seja, espaços de sociabilidade onde os pelotenses podiam demonstrar sua cultura e seu letramento. Mesmo com uma vida efêmera, essas associações significaram o esforço da população pelotense em criar espaços destinados à instrução, importante para o progresso, a civilização e a liberdade de uma sociedade que estava se tornando urbanizada e moderna, como Pelotas.

Palavras-chave: Sociabilidade. Leitura. Sociedade Literária

A partir da temática proposta “Educação, Leitura e Cultura em Pelotas”, vou abordar a forma como os pelotenses se organizaram em relação à literatura, na segunda metade do século XIX, ou seja, vou falar sobre alguns espaços de sociabilidade intelectual organizados na cidade. Abordarei, mais detalhadamente, os primeiros espaços de leitura abertos em Pelotas, como o *Gabinete de Leitura*, um espaço público de sociabilidade intelectual e, a *Sociedade Literária*, um espaço privado, cuja participação estava restrita aos sócios. Esses locais começam a surgir após a Revolução Farroupilha, quando a cidade retoma a sua vida econômica, política, social e cultural.

O final da década de 1840 e a década de 50 significaram a reestruturação de Pelotas em termos econômicos, quando começam a se instalar na cidade novas fábricas e casas comerciais; em termos populacionais, quando a população retornou para a cidade e imigrantes começaram a chegar; em termos urbanísticos, com melhorias urbanas e instalação de serviços básicos; e, em termos sociais e culturais, quando os espaços de sociabilidade já existentes, como o teatro, retomam seu funcionamento e novos espaços são criados, visando satisfazer uma população mais exigente e “civilizada”. De acordo com Mario Osório Magalhães foi durante os anos de 1851 e 1860 “que Pelotas [deu] o salto capaz de situá-la entre as cidades pequenas mais prósperas do Brasil [...]” (MAGALHÃES, 1993, p.70).

A partir da década de 1850 houve indícios de uma maior preocupação intelectual na cidade, com a publicação de jornais e

livros e a instalação de espaços de sociabilidade voltados para a leitura e a discussão literária.

Nessa década foram fundados os primeiros jornais de Pelotas. O aparecimento tardio da imprensa pelotense em comparação a Porto Alegre e Rio Grande (em Porto Alegre a imprensa surgiu em 1827 com o jornal *Diário de Porto Alegre* e em Rio Grande em 1832 com *O Noticiador*) pode estar associado à consolidação posterior de Pelotas como núcleo urbano, porque somente após a Revolução Farroupilha foram dadas as condições “para que se desenvolv[esse] uma cidade diversa e afastada do ambiente rural das charqueadas” (MAGALHÃES, 1993, p.244).

A imprensa pelotense surgiu em 1851 com a fundação do jornal *O Pelotense* em sete de novembro desse ano. O jornal funcionou até 21 de março de 1855. Na mesma década outros jornais foram abertos, como *O Noticiador* (1854-1868), *O Grátis* (1854), *Ramalhete Rio-Grandense* (1857); *Pygmeu* (1857); *Araribá* (12.1857 - 02.1858); *O Gratis* (12.1857 - 02.1858); *O Cometa* (1857); *O Brado do Sul* (1858 - 1861); *O Gratis de Pelotas* (01.07.1859 - 31.07.1859). *O Noticiador* foi o jornal que se manteve mais tempo aberto.

A publicação de livros na cidade estava diretamente relacionada à fundação da imprensa. Na década de 1850 duas tipografias vinculadas aos jornais funcionaram na cidade. A tipografia de Luiz José de Campos, do jornal *O Noticiador* e a tipografia *Imparcial*, de Cândido Augusto de Melo, nas oficinas de *O Pelotense*.

Porém, o contato da elite pelotense com os livros não se deu somente com as publicações locais. A cidade mantinha vínculos comerciais diretos com a Bahia, Rio de Janeiro, Europa e Estados Unidos, possibilitados pela exportação do charque. Os navios que levavam o charque eram os mesmos que traziam mercadorias importadas desses grandes centros do país e do exterior, como mantimentos, móveis, quadros, modas e também livros, jornais, figurinos e magazines, o que proporcionou um contato permanente com as cidades mais “civilizadas” do país e da Europa.

A difusão das práticas de leitura em Pelotas e a intensificação do gosto literário podem ser verificadas pela veiculação dos jornais, pelas tipografias e impressão de livros, pela importação de livros e revistas e também pela criação de novos contextos ou espaços institucionais de leitura, como o *Gabinete de Leitura* de Joaquim Ferreira Nunes e a *Sociedade Literária*, contribuindo assim, para a ampliação do número de leitores em Pelotas a partir da década de 1850, estimulando a prática social da leitura.

Segundo Schapochnik (1993), o alto preço dos livros restringia a formação de uma biblioteca privada. Nesse contexto tais espaços facilitavam o contato com a literatura europeia, notadamente a francesa, e possibilitavam a leitura em um ambiente social.

Em 1º de junho de 1853 foi fundado o *Gabinete de Leitura* de propriedade de Joaquim Ferreira Nunes, na Rua do Comércio [atual Félix da Cunha] (Diário do Rio Grande, 08.11.1857). Joaquim era natural de Portugal, casado, em 1853 tinha 31 anos (REGISTRO DE

ÓBITOS..., 1886, p.95); foi proprietário de uma tipografia, editando o Almanak Pelotense em 1862 e o jornal literário Álbum Pelotense, em 1861 e 62.

O *Gabinete* oferecia romances, novelas e dramas, ou seja, obras variadas e de ilustrados autores, provavelmente obras francesas, dado a “hegemonia da literatura francesa” no Brasil do século XIX. Além de livros, disponibilizava jornais locais como *O Pelotense*, único jornal editado na cidade; jornais de Rio Grande, como *O Rio-Grandense* e *Diário do Rio Grande*; jornais de Porto Alegre, como o *Mercantil de Porto Alegre* e *Correio do Sul*; e o *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, o que possibilitava o contato com notícias de todo o Império.

O gabinete funcionava todos os dias, a partir das 9 horas da manhã até às três horas da tarde, mediante o pagamento de assinatura anual no valor de 16\$000, semestral de 9\$000 ou trimensal de 5\$000 réis.

Três anos após a abertura do *Gabinete de Leitura* foi fundada a *Sociedade Literária* em Pelotas. Enquanto o *Gabinete de Leitura* era um negócio comercial, no qual qualquer pessoa poderia ser assinante, desde que tivesse condições financeiras, a *Sociedade Literária* era um espaço para a associação voluntária de um grupo selecionado de pessoas, não estando aberta aos demais. Outra diferença era o tipo de atividades disponibilizadas por cada um. O *Gabinete de Leitura* disponibilizava livros, revistas e jornais para seus assinantes lerem, enquanto que a *Sociedade Literária* era um

espaço de discussão dessa literatura, não se restringindo apenas à leitura.

Ambos possibilitavam espaços para a interrelação entre os participantes, porém a *Sociedade Literária* dispunha de um ambiente fechado, onde somente um grupo selecionado poderia participar, enquanto que o *Gabinete* propiciava um ambiente mais aberto, no qual qualquer um podia integrar-se, resultando na presença de diversos públicos, mesmo que letrados.

A *Sociedade Literária* de Pelotas tinha por objetivo a instrução e o preparo para a “carreira das ciências”. Especificamente, foram realizadas discussões e reflexões sobre “diferentes matérias de estudo” (Diário do Rio Grande, 18.02.1857, p.2). Em cada assembleia o presidente determinava as “matérias” que seriam “levadas à discussão” na sessão seguinte (Diário do Rio Grande, 18.02.1857, p.2). Nesse caso, o objetivo era contribuir para a formação intelectual dos sócios através de leituras e discussões de diferentes temas.

A *Sociedade Literária* era um espaço para ler, para informar-se e mesmo para formar-se, pois, tinha por objetivo a instrução através da leitura e discussão de livros, revistas e jornais. Mas também um espaço onde se desenrolavam relações de sociabilidade ligadas à leitura e à discussão literária

Assim, a fundação dessa sociedade significou a criação de um espaço de sociabilidade intelectual, no qual a elite poderia demonstrar sua cultura, mas também a sua educação formal, demonstrando o seu letramento. Como diz Schapochnik (1993), a

devoção aos livros demonstrava, muitas vezes, sabedoria e indício de superioridade mental, assim como o anel de grau ou a carta de bacharel.

No final de dezembro de 1856 foi realizada “a primeira assembleia geral da sociedade para instrução, que foi fundada nesta cidade por alguns mancebos desejosos de instruir-se e adiantar-se na nobre carreira das ciências” (Diário do Rio Grande, 05 e 06.01.1857, p.2).

A primeira diretoria foi eleita em 11 de janeiro e ficou assim constituída: Presidente: Dr. Miguel Rodrigues Barcellos (Barão de Itapitocay); Vice-presidente: Antonio de Vasconcellos Vieira Diniz; 1º Secretário: Pedro D. Telêmaco Bouliech; 2º Secretário: Carlos de Koseritz; Tesoureiro: Gabriel José Portella; Orador: Manoel de Araújo Castro Ramalho; Diretores: Pedro Noaylles; Francisco José Pereira Bastos; José Torres; Januário Joaquim Amarante; Manoel José de Oliveira; Antonio Paulino Calero (Diário do Rio Grande, 12 e 13.01.1857, p.2).

Essa sociedade foi formada por 29 sócios fundadores. De maneira geral, os sócios eram portugueses ou luso-brasileiros, casados, cujas idades variavam dos 20 aos 80 anos. Participavam dessa sociedade dois barões - Dr. Miguel Rodrigues Barcellos, Barão de Itapitocay, médico; e, João Francisco Vieira Braga, Barão de Piratini, capitalista; um filho de charqueador - Vicente Lopes dos Santos Filho; proprietários de fábricas e casas comerciais - Manoel José de Oliveira, dono de uma fábrica de chapéus; e Gabriel José Portella, comerciante em sociedade com Francisco Alsino.

Dos sócios dessa sociedade, destaco a participação de três estrangeiros não portugueses. A presença de estrangeiros nas sociedades formadas em Pelotas nas décadas de 1850 e 60 era rara, sendo a grande maioria constituída de portugueses e seus descendentes (MÜLLER, 2010). Nessa sociedade estavam presentes um uruguaio, um francês e um alemão, estes dois últimos naturalizados brasileiros.

Pela característica dessa associação, destaco os sócios ligados diretamente à educação, literatura ou imprensa. Antonio de Vasconcellos Vieira Diniz foi professor e diretor do Colégio União; escrevia e recitava sonetos e poesias (*O Brado do Sul*, 15.09.1860, p.1).

Pedro Telêmaco Bouliech foi professor, redator do jornal de Pelotas *O Noticiador*, entre 1855 e 1857, juntamente com Carlos de Koseritz, e escritor. Carlos Von Koseritz também foi professor e redator do jornal *O Noticiador* junto com Telêmaco Bouliech; foi redator do jornal *O Brado do Sul*, em 1858, cujo proprietário era Domingos José de Almeida; foi escritor, publicando seu primeiro livro em 1856 - *Resumo de História Universal*, impresso na tipografia do jornal *O Noticiador*, onde era redator. Entre 1856 e 1860 publicou mais de dez livros.

O comendador José Vieira Pimenta foi o primeiro cronista de Pelotas; além disso, foi construtor, tendo construído a Santa Casa de Misericórdia, a ponte sobre o Arroio Santa Bárbara e o prédio da Loja Maçônica Protetora da Orfandade; também era maçom (AMARAL, 1999).

Mesmo com todo o entusiasmo na formação da sociedade, demonstrado pela imprensa através do correspondente do jornal *Diário do Rio Grande*, quando afirmou que: “Está executado, pois o milagre. Está criada, inaugurada e acha-se em trabalho a *Sociedade Literária*. Desejamos constância e emulação aos nobres mancebos, que para tão belo fim se associaram, e esperamos que esta nascente sociedade será o talismã de um porvir feliz para Pelotas” (Diário do Rio Grande, 18.02.1857, p.2), a Sociedade não conseguiu se manter em funcionamento por mais de seis meses, sendo dissolvida no final de junho de 1857 (Diário do Rio Grande, 06 e 07.07.1857, p.2). É possível dizer que a primeira sociedade literária teve uma vida efêmera, mas significou o começo das sociedades intelectuais institucionalizadas.

No primeiro semestre de 1857, várias sociedades estavam passando por dificuldades, como, por exemplo, a Sociedade de Baile Harmonia Pelotense (MÜLLER, 2010). Portanto, posso dizer que este não foi um ano muito propício para o desenvolvimento das sociedades recreativas e intelectuais.

Esse período foi apresentado pela imprensa como um período de estagnação também para a cidade de Pelotas. Segundo o correspondente do jornal *Diário do Rio Grande*, o comércio da cidade estava “em completa paralisia”, inúmeras casas estavam para alugar e as ruas com pouco movimento, que “há poucos anos eram frequentadas e cheias de movimento” (Diário do Rio Grande, 05.02.1857, p.1). Posso dizer que a situação das sociedades refletia e situação na qual se encontrava a cidade.

Até a década de 1870 não se tem informações da organização de outras sociedades literárias na cidade. A imprensa demonstrava a preocupação com a ausência de biblioteca, gabinetes de leitura e de sociedades literárias em Pelotas. Cito a notícia publicada no *Correio Mercantil*, na qual o diretor afirma que: “Estamos em pleno materialismo. [...] Constituindo-nos capitalistas: rodeiamos todas as comodidades da vida física e possuímos quase todas as regalias e prazeres materiais das grandes cidades. Porém, não só isso é o bastante para atender à prosperidade de um povo - não é o suficiente para o aperfeiçoamento de uma sociedade. Falta alguma coisa, mais importante, mais útil e necessária. Falta a instrução. [...]” (*Correio Mercantil*, 27.07.1875, p.1).

Assim é que, no final de 1875 é fundada a *Biblioteca Pública Pelotense* e em julho do ano seguinte a *Sociedade Literária Culto às Letras*. Essa sociedade também teve uma vida efêmera. Foi instalada em junho de 1876 e as primeiras sessões não ocorreram, porque não tinha o número mínimo de sócios para que elas se realizassem (*Diário de Pelotas*, 11.07.1876, p.2).

A *Sociedade Literária Culto às Letras* foi inaugurada nos salões da Sociedade Bailante Terpsicore e deveria funcionar anexa à Biblioteca Pública (*Correio Mercantil*, 01.07.1876, p.1). Dela participavam Dr. Joaquim José Affonso Alves, Francisco de Paula Ibirapuitan Ourique - professor, Arthur Lara Ulrich, Dr. Azevedo e Souza, entre outros.

No final do ano de 1876, Arthur Ulrich fazia parte da “Sociedade Literária Culto às Letras” de Rio Grande (*Diário de*

Pelotas, 19.12.1876, p.1) e Ibirapuitan Ourique estava organizando uma nova sociedade literária em Pelotas (Correio Mercantil, 07.11.1876, p.1). Assim é que, em 17 de dezembro de 1876 foi fundada a “*Sociedade Literária Iris Brazilico*”.

A inauguração dessas duas sociedades se diferenciou bastante. Na inauguração da *Sociedade Culto às Letras*, em junho, “o ato da instalação não correspondeu a expectativa do pequeno auditório e menos esteve a altura de um acontecimento de tal ordem. Da diretoria da sociedade, apenas quatro pessoas tomaram parte nos trabalhos”, escreveu o redator do Correio Mercantil (Correio Mercantil, 01.07.1876, p.1). Na mesma notícia, o redator destaca a concorrência diminuta das mulheres.

A inauguração da *Sociedade Literária Iris Brazilico* aconteceu nas salas da Biblioteca Pública Pelotense, que “estavam repletas tanto de senhoras como de cavalheiros e em todos se notava visível entusiasmo e satisfação”, afirmava o Jornal Diário de Pelotas (Diário de Pelotas, 19.12.1876, p.1). Teve também a participação de representantes da Sociedade Literária Culto às Letras de Rio Grande, da Sociedade Bailante Terpsichore, da Sociedade Unione e Filantropia e dissidentes, e, das sociedades musicais Santa Cecília e Lyra Pelotense.

A participação das mulheres foi destacada pelo jornal Diário de Pelotas: segundo o redator “a animação da mulher é uma palpável necessidade e o doce pomo que suaviza o homem em seu constante labor” (Diário de Pelotas, 17.12.1876, p.1).

O Visconde da Graça ofereceu, para a *Sociedade Iris Brazilico*, a parte superior do sobrado de sua propriedade, onde, no andar térreo, estava instalada a Biblioteca Pública Pelotense (Diário de Pelotas, 17.12.1876, p.1). Desse modo, funcionou anexa à Biblioteca e no mesmo sobrado.

Dessa sociedade participavam muitos sócios da Biblioteca; redatores de jornais, como Antonio Joaquim Dias, João José Cesar (Progresso Literário; Diário de Pelotas, Correio Mercantil); professores, como Ibirapuitan Ourique. Também é importante destacar a participação desses sócios em outras sociedades recreativas e beneficentes, como por exemplo, João Candido Ribeiro que, nessa época, era presidente do Clube de Regatas Pelotense (Correio Mercantil, 19.08.1975, p.2).

As reuniões da *Sociedade Literária Iris Brazilico* ocorriam semanalmente, no turno da noite e, nelas, eram proferidas palestras e defesas de teses (GONÇALVES, 2010), demonstrando que esses eram espaços de discussão.

Além dessas duas sociedades literárias fundadas em 1876, Gonçalves (2010) identificou outras duas. O *Clube Termopylas*, fundado em 30 de novembro de 1876 e a *Sociedade Literária Grêmio Minervino*, fundada no final da década de 1870, em 10 de setembro de 1879.

Nessa década de 1870 vários fatos foram destacados para “o progresso e civilização dessa bela cidade”, como por exemplo, a desobstrução do Canal São Gonçalo, a construção da Hidráulica

Pelotense, a iluminação á gás hidrogênio, a fundação da Biblioteca Pública Pelotense, entre outros.

Também nessa década começam a circular outros periódicos, como o “Álbum Literário”, periódico de recreio e instrução, em 1874; o “Progresso Literário”, em 1877; O Cabrion, em 1879, entre outros.

Na década de 1880 novas sociedades são fundadas em Pelotas, como, por exemplo, o *Clube Literário Demóstenes*, em 1882. Esse clube tinha o objetivo de “*promover o desenvolvimento intelectual de seus membros por meio de discussão de teses, elaborações de pareceres e tudo em fim que concerne a literatura*” (ESTATUTOS DO CLUB ..., 1882, p.1).

Além dessa sociedade, foi fundado o Clube Literário e Beneficente Luzo-Brasileiro, em 1883; o Clube Literário Apolinário Porto Alegre, em junho de 1884 (GONÇALVES, 2010); e, o Grêmio Literário José Bonifácio, em novembro de 1886 (Diário de Pelotas, 22.11.1886, p.2).

O Grêmio Literário José Bonifácio era composto, principalmente, por representantes da imprensa local. A diretoria estava composta por: Francisco de Paula Pires (redator proprietário do jornal “Radical”); José Gomes Correa (do jornal A Pátria e Tribuna Literária); Luiz Carlos Massot (colaborador do jornal A Penna); entre outros (Diário de Pelotas, 22.11.1886, p.2).

Alguns participantes já tinham participado da Sociedade Iris Brazílico da década anterior. Outros, também participam de outras sociedades recreativas. Posso citar, como exemplo, o sócio José

Ferreira Alves Guimarães que era tesoureiro da Sociedade Bailante Terpsichore e do Clube Harmonia dos Artistas (A Pátria, 01.08.1889, p.2); Leopoldo Rego participava da Sociedade D. P. Filhos de Thalia (Diário de Pelotas, 08.12.1885, p.2).

A organização dessas sociedades literárias, mesmo que efêmeras, significou a “civilização e [o] progresso do povo pelotense”, pois, como afirmou o redator do Diário de Pelotas, “A civilização de um povo conhece-se pelo seu adiantamento moral e material; pelos estabelecimentos de instrução popular; pelo espírito de associação e, finalmente, pela imprensa [...]” (Diário de Pelotas, 17.12.1876, p.1).

As sociedades literárias eram importantes para “o desenvolvimento da literatura rio-grandense” (Correio Mercantil, 01.07.1876, p.1); para a instrução e boa educação da mulher; para difusão de princípios civilizadores e de conhecimentos úteis (Diário de Pelotas, 17.12.1876, p.1).

A necessidade de espaços de sociabilidade intelectual era justificada pela necessidade de instruir a população. Pois, como afirma o redator do Correio Mercantil, “A instrução é a base essencial do progresso, da civilização e da liberdade. Sem ela, sem o seu poderoso influxo sobre os destinos da humanidade, os povos desconhecem os seus direitos e seus deveres, tornam-se maus por ignorância e desrespeitadores das leis, do princípio da autoridade, por deficiência e escuridão intelectual” (Correio Mercantil, 04.01.1879, p.1).

Desse modo, essas sociedades demonstravam que os pelotenses possuíam um espírito de associação, que se dedicavam ao progresso e engrandecimento da cidade e que esta estava atingindo um “grau de civilização e progresso”.

A criação desses espaços de sociabilidade intelectual representou uma sociedade civilizada e urbanizada, menos atrasada e mais moderna, sendo um signo de progresso, que é medido pelo grau de desenvolvimento da sociabilidade (GONZÁLEZ, 2008, p.251).

A criação e a participação em espaços formais de sociabilidade se tornam, assim, um critério de distinção social. Essas associações se estruturavam segundo referentes que derivavam da percepção e incorporação dos códigos de comportamento que difundiam sinais de proximidade e distanciamento entre os indivíduos e entre os grupos, estabelecendo marcas distintivas e de distinção (BOURDIEU, 2007).

Referências:

AMARAL, Giana Lange do. *O Gymnasio Pelotense e a Maçonaria: uma face da história da educação em Pelotas*. Pelotas: Seiva Publicações/Ed. Universitária - UFPel, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento*. (Tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira). São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

GONÇALVES, Renata Braz. *Livros e leitura na cidade de Pelotas-RS no final do século XIX: um estudo através dos jornais pelotenses (1875-1900)*. 2010. 235f. Tese (Programa de Pós-Graduação em

Educação) - Universidade Federal de Pelotas - UFPel, Pelotas, 2010.

GONZÁLEZ Bernaldo de Quirós, Pilar. *Civilidad y Política en los Orígenes de La Nación Argentina: las sociabilidades en Buenos Aires, 1829-1862*. 2.ed., Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008.

MAGALHÃES, Mario Osório. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. 2.ed. Pelotas: EdUFPel; Co-edição Livraria Mundial, 1993.

MÜLLER, Dalila. “*Feliz a População que tantas Diversões e Comodidades Goza*”: espaços de sociabilidade em Pelotas (1840-1870). 2010. 338f. Tese (Programa de Pós-Graduação em História) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo, 2010.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Contextos de Leitura no Rio de Janeiro do Século XIX: salões, gabinetes literários e bibliotecas. In: BRESCIANI, Stela. *Imagens da Cidade*. Séculos XIX e XX. São Paulo: ANPUH/SP; Marco Zero; FAPESP, 1993.

Fontes Documentais:

ESTATUTOS DO CLUB LITTERARIO DEMÓSTHENES. Pelotas: Typ. da Livraria Americana, 1882.

Registro de Óbito de Joaquim Ferreira Nunes. Livro 11 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, mar.1885 - ago.1886, p.95. Pelotas.

Jornais:

A Pátria, 01.08.1889, Pelotas.

Correio Mercantil, 01.07.1876, Pelotas.

Correio Mercantil, 04.01.1879, Pelotas.
Correio Mercantil, 07.11.1876, Pelotas.
Correio Mercantil, 19.08.1975, Pelotas.
Correio Mercantil, 27.07.1875, Pelotas.
Diário de Pelotas, 08.12.1885, Pelotas.
Diário de Pelotas, 11.07.1876, Pelotas.
Diário de Pelotas, 17.12.1876, Pelotas.
Diário de Pelotas, 19.12.1876, Pelotas.
Diário de Pelotas, 22.11.1886, Pelotas.
Diário do Rio Grande, 05 e 06.01.1857, Rio Grande.
Diário do Rio Grande, 05.02.1857, Rio Grande.
Diário do Rio Grande, 06 e 07.07.1857, Rio Grande.
Diário do Rio Grande, 08.11.1857, Rio Grande.
Diário do Rio Grande, 12 e 13.01.1857, Rio Grande.
Diário do Rio Grande, 18.02.1857, Rio Grande.
O Brado do Sul, 15.09.1860, Pelotas.